

Difusão do turismo no espaço rural e sítios simbólicos de pertencimento: o protagonismo dos agricultores familiares

Luciana Pinheiro Viegas¹
Roberta Leal Raye²
Eliana M. V. Linhares³

RESUMO

O turismo que está se destacando no cenário econômico nacional, diante de sua capacidade de geração de trabalho e renda, começa, aos poucos, a se difundir no espaço rural, especialmente como contraponto à globalização. Essa difusão é aqui analisada com base na Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento, de Hassan Zaoual e tem o objetivo de discutir, a partir de evidências empíricas no Assentamento Banco da Terra, composto por 60 famílias, em área total de 570 hectares, tendo cada parcela, 8,9 hectares, localizado no Município de Nova Xavantina-MT, a inserção do turismo como alternativa de geração de renda a fim de complementar àquela advinda da agricultura, visto que, somente esta, já não é suficiente para garantir uma sobrevivência digna para o homem no campo. Para melhor fundamentar esta pesquisa, de caráter qualitativo, e com intuito de uma maior aproximação da realidade, por sua singularidade e não-compatibilidade com generalizações, a pesquisa foi delineada a partir de levantamento bibliográfico para subsidiar o estudo de campo, fase esta ainda em execução, com aplicação de formulários e realização de entrevistas com lideranças locais, somado a um estudo diagnóstico, realizado, inicialmente, com a finalidade de fazer um levantamento georreferenciado das potencialidades turísticas e agrícolas, com as contribuições de um agrônomo, membro da equipe desta pesquisa e ainda, a realização de oficinas de sensibilização para estimular a socialização do grupo e maiores esclarecimentos sobre a difusão do turismo neste espaço com a participação dos atores locais como protagonistas, assim como o levantamento das necessidades locais diante das dificuldades de produção agrícola mencionadas pelos agricultores familiares, em visita técnica. Foi construída uma oficina, junto aos assentados, a partir de reflexões sobre o planejamento das ações buscando articulação do grupo frente aos problemas levantados. A pesquisa contará ainda com o procedimento metodológico da história oral, a qual contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas. Os depoimentos recolhidos por meio do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos e, dessa forma, é capaz de recuperar, de acordo com as tradições culturais do espaço rural aqui analisado, a história da luta pela conquista da terra, na perpetuação de hábitos e costumes característicos do meio rural, informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documento, ou mesmo que, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade de pesquisadores por diferentes razões. O turismo rural deve ter, além de uma gestão participativa, com os próprios agricultores familiares sendo os protagonistas desse processo, deve ser ainda, desenvolvida com responsabilidade e sensibilidade para que o limite máximo de crescimento da atividade possa ser identificado antes que seja ultrapassado, o que acarretaria em impactos no meio ambiente natural, o descontentamento do público que vinha sendo contemplado e desestruturação da comunidade anfitriã. Contudo, vale ressaltar, a

¹ Turismóloga (UFPE), Mestre em Geografia (UFPE) e Professora do Departamento de Turismo da Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT e-mail: lucianaviegas@unemat.br

² Turismóloga, Professora do Departamento de Turismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e-mail: robertaraye@unemat.br

³ Pedagoga, Mestre em Geografia (UFPE) e funcionária do IBAMA.

grande evidência do *homo situs* (homem rebelde a toda abstração monodisciplinar e monocultural) em detrimento ao *homo economicus* (sobre o qual tem sido construída a ideologia econômica oficial), demonstrando assim, que, em algumas comunidades como o Assentamento Banco da Terra, sítio analisado nesta pesquisa, o vínculo do dar, receber e retribuir é viável e exequível na contemporaneidade, pois as pessoas sentem a necessidade de crer e de se inserir em locais de pertencimento. Este artigo é resultado do projeto de pesquisa, ainda em sua fase inicial, no Assentamento Banco da Terra, Município de Nova Xavantina – MT, pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT.

Palavras-chave: Sítios simbólicos; Agricultura familiar; Turismo; Espaço rural.

ABSTRACT

Diffusion of the tourism in the rural space and symbolic small farms of belonging: the protagonism of the familiar agriculturists

The tourism that is if detaching in the national economic scene, ahead of its capacity of generation of work and income, starts, to the few, if to spread out in the rural space, especially as counterpoint to the globalization. This diffusion here is analyzed on the basis of the Theory of the Symbolic Small farms of Belonging, Hassan Zaoual and has the objective to argue, from empirical evidences in the Nesting Bank of the Land, composition for 60 families, in total area of 570 hectares, being had each parcel, 8,9 hectares, located in the City of New Xavantina-TM, the insertion of the tourism as alternative of income generation in order to complement to that one happened of agriculture, since, only this, already it is not enough to guarantee a worthy survival for the man in the field. More good to base this research, of qualitative character, and with intention of a bigger approach of the reality, by its singularity and not-compatibility with generalizations, the research was delineated from bibliographical survey to subsidize the study of field, phase this still in execution, with application of forms and accomplishment of interviews with local leaderships, added to a diagnostic study, carried through, initially, with the purpose to make a georeferenciado survey of the tourist and agricultural potentialities, with the contributions of an agronomist, member of the team of this research and still, the accomplishment of workshops of sensitization to stimulate the socialization of the group and greater clarifications on the diffusion of the tourism in this space with the participation of the local actors as protagonists, as well as the survey of the local necessities ahead of the difficulties of agricultural production mentioned by the familiar agriculturists, in visit technique. A workshop was constructed, next to the seated ones, from reflections on the planning of the actions searching joint of the group front to the raised problems. The research will still count on the methodologic procedure of the verbal history, which contributes to relativize concepts and estimated that they tend to generalize the experiences human beings. The depositions collected by means of the procedure of constitution of verbal sources translate points of view particular of collective processes e, this form, are capable to recoup, in accordance with the cultural traditions of the agricultural space analyzed here, the history of the fight for the conquest of the land, in the perpetuation of habits and characteristic customs of the agricultural way, information on events and processes that do not meet registered in other types of document, or same that, being registered, is not available for the community of researchers for different reasons. The agricultural tourism must have, beyond a participated management, with the proper familiar agriculturists being the protagonists of this process, still must be, developed with responsibility and sensitivity so

that the maximum limit of growth of the activity can be identified before it is exceeded, the one that it would cause impacts in the natural environment, the dissatisfaction of the public that came being contemplated and desestructure of the receptive community. However, valley to stand out, the great evidence of *homo situs* (rebellious to all abstraction to monodiscipline and monocultural man) in detriment to *homo economicus* (on which she has been constructed official the economic ideology), thus demonstrating, that, in some communities as the Nesting Bank of the Land, small farm analyzed in this research, the bond of giving, receiving and to repay is viable and feasible in the actually, therefore the people they feel the necessity to believe and of if inserting in belonging places. This article is resulted of the research project, still in its initial phase, the Nesting Bank of the Land, City of Nova Xavantina - MT, for the University of the State of Mato Grosso - UNEMAT and financed by the Foundation of Support to the Research of the State of Mato Grosso - FAPEMAT.

Keywords: Symbolic Small farms of Belonging; Familiar Agriculture; Tourism; Rural space

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa ainda em execução no Assentamento Banco da Terra, Município de Nova Xavantina-MT, pela Universidade do Estado de Mato Grosso, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT.

Diante da capacidade que se apresenta o turismo como gerador de renda e trabalho, sua difusão chega ao espaço rural e, aqui, é analisada com base na Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento, de Hassan Zaoual com o objetivo de discutir, a partir de evidências empíricas no Assentamento Banco da Terra, composto por 60 famílias, em área total de 570 hectares, tendo cada parcela, 8,9 hectares, localizado no Município de Nova Xavantina-MT, a inserção do turismo como alternativa de geração de renda a fim de complementar àquela advinda da agricultura, visto que, somente esta, já não é suficiente para garantir uma sobrevivência digna para o homem no campo.

Para melhor fundamentar esta pesquisa, de caráter qualitativo, e com intuito de uma maior aproximação da realidade, por sua singularidade e não-compatibilidade com generalizações, a pesquisa foi delineada a partir de levantamento bibliográfico para subsidiar o estudo de campo, fase esta ainda em execução, com aplicação de formulários e realização de entrevistas com lideranças locais, somado a um estudo diagnóstico, realizado, inicialmente, com a finalidade de fazer um levantamento georreferenciado das potencialidades turísticas e agrícolas, com as contribuições de um agrônomo, membro da equipe desta pesquisa e ainda, a realização de oficinas de sensibilização para estimular a socialização do grupo e maiores esclarecimentos sobre a difusão do turismo neste espaço com a participação dos atores locais

como protagonistas, assim como o levantamento das necessidades locais diante das dificuldades de produção agrícola mencionadas pelos agricultores familiares, em visita técnica. Foi construída uma oficina, junto aos assentados, a partir de reflexões sobre o planejamento das ações buscando articulação do grupo frente aos problemas levantados.

A pesquisa contará ainda com o procedimento metodológico da história oral, a qual contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas. Os depoimentos recolhidos por meio do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos e, dessa forma, é capaz de recuperar, de acordo com as tradições culturais do espaço rural aqui analisado, a história da luta pela conquista da terra, na perpetuação de hábitos e costumes característicos do meio rural, informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documento, ou mesmo que, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade de pesquisadores por diferentes razões.

Este artigo ressalta que o novo paradigma proposto para o século XXI é priorizar o *homo situs* (homem rebelde a toda abstração monodisciplinar e monocultural), em detrimento ao *homo economicus* (sobre o qual tem sido construída a ideologia econômica oficial). Demonstra que, em algumas comunidades como o Assentamento Banco da Terra, sítio analisado nesta pesquisa, o vínculo do dar, receber e retribuir é viável e exequível na contemporaneidade.

Pluriatividade e aspectos turísticos

Com as mudanças ocorridas no campo assiste-se a uma fragmentação do espaço onde se busca, a partir da década de 1990, uma nova configuração do espaço rural, com novas características, novos arranjos produtivos na tentativa de diversificação da produção e das atividades, tanto agrícolas, como o plantio de outras culturas para subsistência e comercialização e também atividades não-agrícolas, como atividades de serviços, como o turismo no espaço rural capazes de contemplar a inserção dos agricultores familiares. Tantas transformações que tornam difícil determinar a fronteira entre a atividade rural e urbana, visto que este espaço rural deixou de ser um mundo exclusivamente agrícola. O que está acontecendo é uma ampliação das possibilidades de trabalho para a população rural, mas não exclusivamente na agricultura. As áreas rurais passam a incluir atividades de consumo como lazer, turismo, artesanato, residência, conservação do meio ambiente, dentre outras.

A apropriação do espaço rural pela atividade turística que ganha cada vez mais destaque no cenário econômico e social, vem produzindo espaços para o turismo causando impactos que muitas vezes exclui os próprios moradores, criando um espaço sem identidade cultural. Segundo Mendonça apud (RODRIGUES, 1997, p. 20), em cada lugar onde a evolução do turismo se tornou difícil devido à degradação socioambiental, cria-se outro, com características semelhantes, ainda que mais modernas e aparentemente diferentes, é como se esgotasse os recursos naturais de um determinado espaço e a partir daí, deveria se sair em busca de novos espaços. Assim como traz impactos positivos, como a geração de trabalho e renda, entre outros, é preciso que a atividade turística possibilite alguma relação mais direta, em que a vivência entre turistas e agricultores familiares represente uma relação de troca, de aprendizado e de respeito, pois quando a visitação nas propriedades acontece, é isso que os agricultores familiares e/ou qualquer comunidade visitada espera, o que, infelizmente, nem sempre acontece. Isso pode ser expresso nas palavras de um estudante de 14 anos, de Antigua, nas Caraíbas (KRIPPENDORF, 2001, p. 81),

A comunicação com vocês, os turistas, é uma questão e tanto. Quando chegam a nossa ilha, ficam entre si e não tentam estabelecer relações conosco. Bem, relações talvez fosse exigir muito. Bastariam algumas palavras para que nos tornássemos amigos – e amizade não é o que procura a maioria das pessoas? Para ter amigos devemos falar com os outros, mas parece que vocês não têm essa necessidade.

Esse encontro, essencialmente material, poderia, de acordo com as palavras do estudante, ser a marca de um interesse humano, de respeito ao próximo. São gestos humanos de troca de experiências, vivências, integração e participação que a atividade turística é capaz de proporcionar, se desenvolvida de forma a ter seus benefícios democraticamente distribuídos.

O processo de transformação do espaço rural apresenta-se como “novas ruralidades”, ou seja, uma constante e crescente diversificação de atividades não-agrícolas, além das mais tradicionais atividades agrícolas, no espaço rural. Esse espaço vem sendo crescentemente dividido com atividades orientadas para o consumo, como o lazer, turismo e residência, ou melhor, “assumindo formas sociais e econômicas de organização paradigmáticas, a medida que a sociedade sai dos padrões fordistas.” (MARSDEN apud CAMPANHOLA; SILVA, 1999).

Essas “novas ruralidades” surgem a partir de novas oportunidades de trabalho fora da tradição agropecuária atraindo parte da população como importante fonte de renda para as famílias rurais proporcionando uma reprodução social, como a pluriatividade, que é uma combinação da atividade agrícola com a não-agrícola pelo chefe da unidade produtiva, sua

esposa, ou ainda algum membro da família. A pluriatividade, de acordo com Schneider (2003, p. 3), envolve

[...] situações sociais em que o indivíduo que compõe uma família com domicílio rural passa a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra, e cada vez menos executadas dentro da unidade de produção.

Entretanto, vale ressaltar que a pluriatividade não deve ser considerada como parte de um processo de proletarização que resulta na decadência da agricultura familiar e sim como uma fase da diferenciação social e econômica das famílias agrícolas, que já não conseguem reproduzir apenas nos espaços agrícolas da área rural que está sendo (re) construída a partir de uma valorização de bens não tangíveis até então desprezados, como a paisagem, o lazer e os ritos do cotidiano agrícola (SILVA; BALSADI; DEL GROSSI apud RIBEIRO, 2004).

Essas transformações ocorridas no espaço rural foram capazes de ampliar e multiplicar as redes de sociabilidade para além das fronteiras da localidade e do município através da melhoria das vias de acesso e a ampliação do serviço de transporte público, facilitando o deslocamento dos moradores da localidade e de pessoas vindas de fora, motivadas pela busca de um lugar mais tranquilo, sem o estresse dos grandes centros urbanos e um maior contato com a natureza (CARNEIRO; SCHNEIDER apud CAMPANHOLA; SILVA, 2004, p. 21).

Com as transformações, amplia-se a busca por novas atividades no espaço rural, o agricultor pluriativo, uma nova categoria que se caracteriza pela “heterogeneidade em sua origem e conformação” (Idem).

Caracterizado pela heterogeneidade acima citada, identifica-se, nesse contexto, dois grupos de agricultores: aqueles que não adotaram o modelo de agricultura modernizada, por ausência de meios, sendo por isso, levados a recorrer a atividades não-agrícolas para complementar a renda necessária à manutenção de sua família – são os pequenos proprietários e parceiros transformados em jardineiros, motoristas, pedreiros, serventes de obra e ainda, aqueles que dispõem de propriedades maiores e algum capital, que investiram na atividade turística como forma de ampliar seus rendimentos.

Para investir na atividade turística ou em qualquer outra atividade não-agrícola, o trabalho em tempo parcial e a pluriatividade, são formas que permitem a prática dessas atividades e decorrem além das transformações macro-estruturais na agricultura, visto que o exercício de várias atividades dentro de uma mesma propriedade agrícola é uma característica do modo de operacionalizar as unidades de trabalho que se organizam de forma familiar.

Dentro dessa perspectiva, Wanderley (1999, p. 25), conceitua agricultura familiar como “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”. Ela reforça ainda, que o caráter

familiar não é apenas um detalhe superficial e descritivo, mas sim uma importante “associação de uma estrutura produtiva entre família-produção-trabalho, tendo suas conseqüências fundamentais na forma como age econômica e socialmente.”

A agricultura familiar, segundo a mesma autora, é resultado da combinação entre propriedade e trabalho, que assume, no tempo e no espaço, uma grande diversidade de formas sociais. Contudo, a pluriatividade no espaço rural, ao adotar o turismo como uma das atividades não-agrícolas em espaços socialmente carentes, é capaz de proporcionar complementação da renda familiar gerando ocupações à medida que a agricultura permaneça como atividade principal para que os valores desses trabalhadores não se percam no tempo e espaço.

A agricultura familiar, segundo Schneider (2003, p. 2), começou a se destacar no cenário brasileiro, em meados da década de 1990 ao lado da efervescência dos movimentos sociais no campo capitaneados pelo sindicalismo rural ligado à Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG. Mesmo diante de desafios como os impactos da abertura comercial, falta de crédito agrícola e queda dos preços dos principais produtos agrícolas de exportação, a agricultura familiar se mostrou capaz de oferecer proteção a um conjunto de categorias sociais compostas por assentados, arrendatários, parceiros, integrados à agroindústria, entre outros que não mais podiam ser identificados com as noções de pequenos produtores ou simplesmente, de trabalhadores rurais.

Com efeito, pode-se observar que as categorias sociais protegidas pela agricultura familiar persistem em uma inserção e maior participação no desenvolvimento rural brasileiro, como pode ser observado, por exemplo, no Assentamento Banco da Terra, objeto de estudo deste projeto de pesquisa, onde os assentados, através dos movimentos sociais, reivindicam por melhores condições de vida e de trabalho, além de apoio técnico nas áreas dos assentamentos rurais.

Martins (2001, p. 1), prefere uma concepção mais histórica e antropológica da unidade de reprodução social da família, regulada por valores de tradição familiar. Além disso, continua o autor, nela, as estratégias de reprodução não se limitam a subsistir, a permanecer, elas dão conta das novas necessidades e desafios que são continuamente gerados pelas transformações econômicas e sociais na sociedade na qual a família se insere. Abramovay (1992, p. 209), complementa destacando,

[...] o peso da produção familiar na agricultura, que faz dela, atualmente, setor único no capitalismo contemporâneo, conseqüentemente não há atividade econômica em que

o trabalho e a gestão estruturam-se tão fortemente em torno de vínculos de parentesco e onde a participação da mão-de-obra não contratada seja tão importante.

Essa citação apenas reforça a importância da produção familiar na agricultura diante das adversidades e transformações existentes no capitalismo, mostrando a força do caráter familiar e sua representatividade nos setores, social e econômico. Um exemplo bastante prático é o que está ocorrendo em áreas de assentamentos rurais, pois, sem condições adequadas para o trabalho e sem infra-estrutura de apoio aos assentados, surgem, em meio a essas dificuldades, alternativas para a complementação da renda agrícola, ou seja, as atividades não-agrícolas como o turismo, por exemplo, com a valorização das potencialidades naturais e humanas do espaço rural. Nessa modalidade de turismo no espaço rural, a paisagem não é alterada e há uma valorização do sistema produtivo, da ordenha e atividades de pesca, dessa forma o agricultor é capaz de buscar sua inserção em outras atividades que possam complementar sua renda, vinda da produção agrícola.

Sítios Simbólicos de Pertencimento e o protagonismo dos agricultores familiares

Surge, diante das críticas às práticas econômicas da globalização, um movimento no mundo todo contra o “pensamento único”⁴, este marca, ainda, o fim de uma cultura, aquela que tem sido “construída sobre a vontade de potência e de dominação do Homem e da Natureza. Com valiosas contribuições, Hassan Zaoual elabora a teoria do local, em sua dialética com o global, denominada de “sítios simbólicos de pertencimento” ou “pertença”. Ele define sítio como

[...] um local em sentido geográfico (bairro, cidade, microrregião, região, país, etc) e também em sentido simbólico (adesão a uma cultura, a uma ideologia, a uma religião), remetendo a significados específicos definidos pelos seus atores que, em função de sua identidade, de um lado, aceitam ou recusam o que lhes é proposto ou imposto de fora e, por outro, procuram soluções originais para seus problemas [...] (ZAOUAL, 2003, p. 8).

Diante da definição acima, o sítio em estudo, em seu sentido geográfico, é o espaço rural, especialmente o do Assentamento Banco da Terra e, em seu sentido simbólico, sua cultura, composta pelo homem do campo e seus saberes tradicionais frente à necessidade de diversificação da produção agrícola após a introdução de tecnologias no campo com a modernização excludente da agricultura não acompanhada pelos agricultores familiares.

As mudanças que ocorreram e ocorrem no espaço rural são sentidas a partir de processos socioespaciais indicadores de novos arranjos, como a modernização da agricultura,

⁴ Termo popularizado por Ignácio Romanet (ZAOUAL, 2003, p. 8).

a migração campo-cidade, o acirramento da concentração da renda e das terras, os conflitos sociais como comenta Ferreira (apud VIEGAS, 20006, p. 19), e ainda a diversificação das atividades no espaço rural, como as atividades não-agrícolas, mais enfaticamente o turismo.

Tais mudanças podem ser percebidas através dos dados das PNAD's⁵ das décadas de 1980 e 1990 os quais revelaram que a População Economicamente Ativa - PEA rural cresceu, enquanto a PEA agrícola diminuiu. A explicação para esse contraste está no vigoroso crescimento verificado na população economicamente ativa ocupada em atividades não-agrícolas residente no espaço rural brasileiro. Em termos numéricos, as ocupações em atividades não-agrícolas eram, em 1999, de 4,62 milhões de pessoas, significando um acréscimo de mais de um milhão de pessoas neste tipo de atividade em menos de 20 anos. Em grande parte, isso se deve às “novas funções” e às “novas atividades” que se expandiram pelo mundo rural, destacando-se as atividades de lazer e de turismo (pesque-pague, hotéis-fazenda, pousadas, chácaras de final de semana, etc.), que se incorporam ao cotidiano da vida rural.

Essa modernização foi uma tentativa de romper com as antigas relações de trabalho através da modernização de grandes fazendas, prejudicando os agricultores familiares, que contribuíram para a favelização das periferias urbanas.

Dentre as conseqüências dessa modernização da agricultura, pode ser destacada a diminuição do tamanho dos estabelecimentos familiares, que já eram pequenos.

Com efeito, os menos aptos a adotarem as novas tecnologias, tendem a desistir, pois, à medida que aumenta o número de agricultores adotando novas tecnologias, aumenta a oferta, conseqüentemente, os preços de mercado caem, e aqueles que não acompanham, tendem a ser excluídos do processo.

A teoria dos sítios, segundo Zaoual, (2003, p. 19), é de alcance transversal para melhor aproximação dos “espaços vividos” pelos homens e isto é observado pelo autor a partir da percepção de que os atores da situação precisam de um sentido que possibilite a ação.

O que se observa são dificuldades e paradoxos quando acontece a tentativa de inserir, no mercado, as populações que já foram excluídas pelas relações sociais e institucionais que o caracterizam. Essa observação caracteriza uma crise na ocidentalização do mundo e, por este motivo, faz-se necessária uma ruptura com os antigos padrões cientificistas e deterministas. Esta ruptura causa, nas pessoas, uma sensação de solidão e falta de orientação com relação ao delineamento de novos projetos de ação em espaços localizados, com “aspectos econômicos,

⁵ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, realizada anualmente pelo IBGE.

sociais, culturais, mobilizando os atores enraizados em suas realidades e respeitando seus referenciais próprios.” (ZAOUAL, 2003, p. 19).

É importante que se respeite a integridade dos sítios e reconheça a diversidade e a necessidade dos intercâmbios culturais, pois os paradigmas futuros terão sua epistemologia multiforme, plural e indeterminada, segundo o mesmo autor.

A tentativa de colocar um fim no modelo único implica também no fim de uma cultura construída a partir da vontade de potência e de dominação do homem e da natureza. Essa exaustão implica no término das incertezas herdadas do século XVIII, o século das luzes ocidentais. Diante desse fracasso do desenvolvimento nos países do Sul, somado às incertezas da economia de mercado nos países do Norte, são geradas grandes incertezas com relação ao modo de agir e representar o mundo.

Essas incertezas são a raiz da afirmação das identidades e dos territórios. Como reforça Zaoual (2003, p. 21), “em todos os lugares, cada vez mais as pessoas sentem a necessidade de crer e de se inserir em locais de pertencimento. Assim, à medida que cresce o global, também amplia-se o sentimento do local.” Contudo, existem formas de se reagir a essa situação causada, principalmente pela globalização, ou seja, a mercantilização do mundo, o que causa insegurança nas pessoas que buscam, na proximidade, a garantia do sentimento de pertencer.

Neste contexto, as discussões a respeito do espaço rural, a partir da década de 1960, tinham como tema central o processo de transformações na agricultura, especialmente sua modernização, que aconteceu não apenas como a mudança na base técnica de produção agrícola, mas também como “expressão do capitalismo no campo” (SOTO, 2002, p. 29), o que contribuiu para a diminuição, cada vez mais, das pequenas propriedades familiares, em detrimento da expansão dos latifúndios.

A partir dessa perspectiva, Bartholo (2002) afirma que tanto a modernidade industrial capitalista quanto o socialismo real podem atuar de modo a desenraizar o homem da criação, da tradição, da história, engendrando as condições da mais plena escravidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, percebe-se que as diferentes formas de exploração impostas às classes sociais menos favorecidas no espaço rural têm sua origem no quadro da propriedade privada e são agravadas pelas condições de subordinação sócio-cultural vivenciadas por estas

populações, e isto é decorrente de múltiplos fatores, como o limitado acesso à educação formal a que tem sido submetida historicamente a maior parte da população rural podendo ocorrer de forma impositiva, da mesma forma como é inserida no campo, tecnologias e saberes produzidos em contextos sociais externos.

Diante disso, os depoimentos recolhidos por meio do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos e, dessa forma, é capaz de recuperar, de acordo com as tradições culturais do espaço rural aqui analisado, a história da luta pela conquista da terra, na perpetuação de hábitos e costumes característicos do meio rural, informações sobre acontecimentos e processos que não se encontram registrados em outros tipos de documento, ou mesmo que, estando registrados, não estão disponíveis para a comunidade de pesquisadores por diferentes razões. O turismo rural deve ter, além de uma gestão participativa, com os próprios agricultores familiares sendo os protagonistas desse processo, deve ser ainda, desenvolvida com responsabilidade e sensibilidade para que o limite máximo de crescimento da atividade possa ser identificado antes que seja ultrapassado, o que acarretaria em impactos no meio ambiente natural, o descontentamento do público que vinha sendo contemplado e desestruturação da comunidade anfitriã. Contudo, vale ressaltar, a grande evidência do *homo situs* (homem rebelde a toda abstração monodisciplinar e monocultural) em detrimento ao *homo economicus* (sobre o qual tem sido construída a ideologia econômica oficial), demonstrando assim, que, em algumas comunidades como o Assentamento Banco da Terra, sítio analisado nesta pesquisa, o vínculo do dar, receber e retribuir é viável e exequível na contemporaneidade, pois as pessoas sentem a necessidade de crer e de se inserir em locais de pertencimento

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, R.; TUNES, E.; SILVA, G. **Três tempos do desenvolvimento situado**. I Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia, Sociedad e Innovación CTS+I, Palácio de Minería del 19 al 23 de junio de 2006.

BERGAMASCO, S. M. P. P.; NORDER, L. A. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CAMPANHOLA, C.; SILVA, J. G. da. **Panorama do Turismo no Espaço Rural Brasileiro**: nova oportunidade para o pequeno agricultor. Anais do Congresso Brasileiro de Turismo Rural: Turismo no espaço rural/ ed. Cássio Garkalns de Souza Oliveira. Piracicaba: FEALQ, 1999.

CARLOS, A. F. A. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.

DELGADO, L. de A. N. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARQUES, M. I. M. **O conceito de espaço rural em questão.** Terra Livre. São Paulo, ano 18, n° 19 p. 95-112, jul./dez.2002.

MEDEIROS, L. S. **Reforma agrária no Brasil: história e atualidade da luta pela terra.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

OLIVEIRA, M. F. S. de O.; BARTHOLO, R. **Enraizamento Cultural, Fitoterapia e Biodiversidade: como confrontar a globalização e a mercantilização da vida?**

ROSA, S. L. C. **Agricultura familiar e desenvolvimento local sustentável.** Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural – SOBER, 37: Foz do Iguaçu, 1999. Disponível em: <http://gipaf.cnptia.embrapa.br>> Acesso em: 05 mar. 2006.

SOTO, W. H. G. A produção do conhecimento sobre o “mundo rural” no Brasil as contribuições de José de Souza Martins e José Graziano da Silva. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

ZAOUAL, H. **Globalização e diversidade cultural.** São Paulo: Cortez, 2003.